



O movimento *hip hop* como alternativa de fala para jovens da periferia.¹

Larissa Sobral CONCEIÇÃO²

Lívia Natália SANTOS³

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA.

RESUMO

Pensar no movimento *hip hop* como um meio que serve tanto para firmar a autovalorização das minorias como para denunciar e criticar questões sociais relacionados à periferia, é o mesmo de dizer que este movimento traduz a juventude e os desejos desta classe. Assim, esta cultura que nos anos 70 mostrou os seus primeiros ideários nos guetos Nova Iorque através do grafite, *break dance*, rap, MC e DJ, seus elementos principais, chegou às periferias brasileiras na década de 80 e foi ligeiramente adaptados às suas realidades, se popularizando cada vez mais e conquistando inúmeros adeptos. Este trabalho tem o objetivo de mostrar o *hip hop* que se consolidou nos EUA e veio para o Brasil inicialmente como moda, mas que foi aos poucos promovendo a conscientização dos verdadeiros ideais desse movimento, usando como exemplo, um documentário produzido por jovens da periferia de Belo Horizonte.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude; Periferia; Hip Hop.

O movimento *hip hop*

A periferia segundo Spensy Pimentel é um lugar onde é possível encontrar:

Gente pobre, com empregos mal remunerados, baixa escolaridade, pele escura. Jovens pelas ruas, desocupados, abandonaram a escola por não verem o porquê de aprender sobre democracia e liberdade se vivem apanhando da polícia e sendo discriminados no mercado de trabalho. Ruas sujas e abandonadas, poucos espaços para o lazer. Alguns, revoltados ou acovardados, partem para a violência, o crime, o álcool, as drogas; muitos buscam na religião a esperança para suportar o dia-a-dia; outros ouvem música, dançam, desenham nas paredes [...] (PIMENTEL, 1997, p. 1).

¹ Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Estudante de graduação 5º semestre do curso Comunicação Social – Rádio e TV da UESC - BA. E-mail: sobral.larissa@yahoo.com.br.

³ Doutora em Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura, pela Universidade Federal da Bahia. Professora da Universidade Estadual de Santa Cruz, coordenadora do projeto de pesquisa Observatório de Etnocomunicação.



Sendo essa uma das muitas imagens formuladas da periferia, seja no Brasil ou em qualquer outro país, é importante destacar que foi nesse contexto, nos guetos negros de Nova Iorque, nos Estados Unidos, mais precisamente na década de 70, que nasceu o *hip hop*, o mais importante movimento negro e jovem dos últimos tempos. Resultado de inúmeras lutas que vêm desde a abolição da escravatura, batalhas incontestáveis, conflitos sociais e confrontos policiais, o movimento *hip hop* nasceu com o propósito de denunciar, criticar as injustiças e opressões sofridas pelos negros, pobres e outros marginalizados.

É na cidade de Bronx em Nova Iorque que se podem encontrar as raízes da cultura *hip hop*. Com influências musicais africanas e de ritmos *soul*, *reggae*, *blues* e *jazz*, este movimento ao longo de seu desenvolvimento na maioria das vezes, procurou abordar as mais diversas questões sociais da contemporaneidade.

Ainda em meados dos anos 70, com todos os problemas sociais e discriminação que a classe menos favorecida enfrentava, os jovens buscavam nas ruas de Bronx um espaço de lazer, presenciando no momento o surgimento de diferentes manifestações artísticas, esses jovens começavam a se interessar pelo movimento e se identificar com alguma atividade, muitos deles formavam grupos que iam para as ruas competir. “A idéia básica desta cultura era e ainda é: haver uma disputa com criatividade. Não com armas; uma batalha de diferentes (e melhores) estilos, para transformar a violência insensata em energia positiva” (TOCHA, 2006). Assim, eles aprendiam no meio de tanto caos a competir com diversão, sem uso da violência.

A cultura *hip hop* é inicialmente composta por quatro pilares fundamentais, o grafite que são reproduções plásticas de desenhos ou mensagens pintados em paredes, o *break dance* que representa a dança, o MC considerado o mestre de cerimônia e o DJ um músico que constrói a base para os demais elementos. Primeiramente é necessário compreender basicamente cada um desses elementos, para entender como a junção dessas diferentes atividades, é capaz de formar uma única cultura, com o objetivo de fugir do anonimato, podendo ser visto e ouvido por toda parte.

O grafite que surgiu como assinatura (*tag*) de gangues para demarcar o seu território, foi aos poucos recebendo outros significados, não se distanciando desse sentido. O desenho introduzido ao *tag* acabou recebendo uma conotação de arte, se caracterizando como um dos elementos do *hip hop*. A arte de desenhar e escrever nos muros e paredes passou a ser usado como forma de expressão e denuncia. O grafite não é uma simples pintura, em meio a suas formas e palavras, essa arte considerada urbana



assume um estilo de protesto, cada desenho traz uma mensagem e um peso sentimental, com valores sociais e morais. Para muitos grafiteiros “As pinturas com *spray* nas paredes são uma forma de criar um mundo paralelo onde se podem extravasar os sonhos” (COSTA, 2008, p. 71). A prática do grafite ao longo de sua história foi se diversificando, e hoje podemos encontrar estampados em muitos lugares, desde simples rabiscos até magníficas imagens em 3D.

O *break dance* representa todas as danças do movimento *hip hop*, abrange vários estilos e combina técnicas como a capoeira, artes marciais, *breaking* e etc.. A dança é para muitos *hip hoppers* uma das partes mais importantes dessa cultura, “As quebras no ritmo são incorporadas ao movimento do corpo, e esse tipo de dança parece procurar adotar essas rupturas na invenção de uma nova forma de expressão, uma reinterpretação do ato de dançar” (COSTA, 2008). Assim os dançarinos conhecidos como *b. boys* e *b. girls* treinam bastante, a fim de conseguir ajustar os movimentos da dança aos ritmos acelerados das músicas.

Inicialmente os primeiros *b. boys* procuravam incorporar o descontentamento à dança, a exemplo disso, é notável que muitos movimentos do *break* lembrem a época das guerras, seja tentando reproduzir o corpo dos soldados debilitados ou objetos utilizados em confronto. Mas como todos os outros elementos do *hip hop*, o *break dance* também evoluiu e hoje essa dança se tornou um dos modos mais eficaz de afastar os jovens da criminalidade, possibilitando a eles uma maneira de se envolver em disputas artísticas, tão comum nas festas de desse movimento.

Os DJ's (Disk Jockey) são músicos operadores de discos, que com muita criatividade e habilidade fazem colagens rítmicas que servem de base para os demais elementos. Sem a música seriam difícil os *b. boys* dançarem e os MCs rimarem, por ser um elemento indispensável, esses músicos assumem um papel fundamental nas escolhas das músicas e nas mixagens. O DJ age como controlador do ritmo, buscando sempre novos sons para manter a festa animada, é ele quem mais contribui para agitar os encontros. Várias técnicas como *breakbeat*⁴, agulha caindo, arranhões, entre outros, foram criadas para aprimorar o trabalho intenso de muita criatividade. Os DJ's ainda contribuíram ao longo da história do *hip hop* para a popularização dessa cultura.

Os MCs - *Masters of Ceremony* (Mestres de Cerimônia) – são os porta-voz do evento, tem como principal função mediar e animar a festa. Eles mostram através de

⁴ O *breakbeat* é a criação de uma batida em cima de composições já existentes, uma espécie de *loop*, criado pelo DJ Kool Herc.



suas rimas as mais variadas formas de reivindicação e conscientização, falam desde coisas simples como recados, até diversos assuntos envolvendo drogas, situação política, problemas e dificuldade da comunidade. Segundo COSTA 2008, “O MC trabalha com a sua imaginação e capacidade de improviso, que expressa sentimentos (de revolta ou não), repressões e opiniões, é um meio de comunicação muito direto” (COSTA, 2008, p. 48). O primeiro grupo de MC foi o "*Kool Herc and the Herculords*", com Coke La Rock e Clark Kent na apresentação e Kool Herc como DJ, esse grupo fez bastante sucesso, ficando conhecido em toda a parte e servindo de referência para grupos posteriores. Pode-se observar que este elemento está intrinsecamente ligado a face mais visível do movimento *hip hop*.

“Ao longo da história, a música proveniente de comunidades negras da América sempre teve uma subcultura que acompanha reflexo da situação política, econômica e das condições sociais da época. O rap não é diferente” (DCOOK, 1985)⁵. O surgimento desse estilo musical se deu em meio à pobreza, as pessoas buscavam uma alternativa de diversão, e através da criatividade encontrou uma forma para se expressar livremente. Como expressão musical e verbal, o rap *Rhythm and poetry* que significa ritmo e poesia, são versos ritmados que contam histórias, levam informação à periferia, falam sobre dificuldades que a população mais carente enfrenta, serve como meio de denunciar a discriminação, a injustiça e a violência, tudo isso feito por meio do tom sério, humorístico ou irônico. Acessível a qualquer pessoa, o rap se tornou bastante popular, pois é notório que não precisa de muitos recursos para fazer rimas, os *rappers* podem criar o que quiser, não existem regras, basta ser original e acompanhar as batidas das músicas.

Os elementos que compõem a cultura *hip hop* desde o início, quando o movimento ainda não era consolidado, mostrou-se como uma forma poderosa de expressão. Os jovens começaram a se reunir para mostrar cada um com sua habilidade, os ideais daquele povo que lutava pelo reconhecimento das minorias e que através do exercício de diferentes atividades, queriam mudar a própria realidade. Essas associações que foram surgindo separadamente acabaram unindo forças para estruturar o movimento e divulgar os valores do *hip hop* para o mundo.

Tudo isso acontecia ali nas ruas dos guetos nova-iorquinos na década de 70. Época tumultuada, mas muito estimulante para a criatividade. Grafiteiros, breakers e rappers não tardaram a realizar as primeiras

⁵ Estas informações estão disponíveis no site Davey D's Hip Hop Corner. Cf. Parte do texto O que é Hip Hop?. Disponível em: <http://www.daveyd.com> Acesso em 28 de abril de 2010.



atividades conjuntas, afinal era nada menos que o natural, eles conviviam no mesmo espaço, eram todos jovens, marginalizados, pobres, tinham os mesmos problemas, desejos e gostos (PIMENTEL, 1997, p. 10).

O hip hop chegando ao Brasil

Na década de 80 o movimento *hip hop* já podia ser percebido em grupos de jovens da periferia que dançavam o *break* e ouviam o rap nas ruas e nos bailes de algumas capitais do Brasil. Este movimento que traz traços marcantes do movimento *Black* dos anos 70, no qual a consciência racial e a luta por reconhecimento eram bastante expressadas nas músicas *soul* de artistas como Gerson King Combo, Toni Tornado, Cassiano, entre outros, que conseqüentemente dava início a uma nova ação comportamental, principalmente entre jovens de classe mais carente.

Na época não havia muita informações sobre os verdadeiros ideais do movimento, o pouco que se tinha conhecimento vinham através de equipes de bailes, revistas de pequenas tiragens e discos musicais, como lembra KLJay dos Racionais “O *hip hop* chegou aqui como onda, a gente não sabia que o *break* evitava as brigas entre as gangues nos EUA, promovia uma mudança de comportamento. Não chegavam muito bem as idéias que estavam por trás da coisa, era tudo meio fragmentado[...]” (PIMENTEL, 1997, p. 16). Entretanto, mesmo não tendo um conhecimento pleno, um costume que foi trazido dos guetos de Nova Iorque e preservado no Brasil, foi (e ainda é) usar as ruas como principal palco para as apresentações.

O primeiro elemento do *hip hop* a ser reconhecido no Brasil foi o *break*, este por sua vez, contou com a contribuição dos filmes *Beat Street* e *FlashDance* para propagar essa dança. O primeiro filme mostrava a cultura *hip hop* como um estilo de vida e o segundo em meio a suas cenas, exibiam alguns dançarinos e batalhas de *break*. Com isso a dança começou a conquistar seguidores, se popularizando bastante e se tornando uma verdadeira febre nos territórios brasileiros.

Os primeiros dançarinos de *break* buscavam nesta dança um modo de se divertir e em alguns casos recuperar a autoestima. “O *break* foi bastante importante no início do nosso *hip hop* porque foram ligados a ele que surgiram as primeiras organizações dos *b. boys* brasileiros, as gangues” (PIMENTEL, 1997, p. 16). Assim com a chegada da dança de rua surgiram muitos *b.boyings* que podiam ser identificados através das roupas coloridas, bonés, óculos escuros, entre outros acessórios e que acompanhados por um aparelho de rádio, mostravam os primeiros movimentos. Nelson Triunfo e outros



pioneiros do *break dance*, começaram a dançar nas ruas 24 de Maio na grande São Paulo, mas devido a perseguições policiais foram para a São Bento onde permaneceram os encontros.

Com o decorrer do tempo, começam a surgir pela cidade de São Paulo, os primeiros grafites ligados efetivamente a uma temática *hip hop*, e principalmente começa a se ouvir pelos “cantos” da cidade um jeito diferente de se cantar. Surge no país a música *rap* e o movimento *hip hop* se torna realidade no país, mesmo que de maneira totalmente “*underground*”, marginal (RIBEIRO, 2006, p. 6).

O movimento do *hip hop* se mostrou mais amplo à medida que chegava o rap e do grafite, composta também pelo MC e o DJ. A união desses outros elementos a essa cultura, serviu para promover a conscientização dos verdadeiros ideais entre seus adeptos.

Ainda nos anos 80 em São Paulo era possível ver o início do fortalecimento *hip hop*, primeiro com a presença do grafite, vários desenhos espalhados pela cidade que passaram a retratar a realidade periférica e depois com a formação de grupos *rappers*, que começavam a cantar o rap e por causa das falas rápidas ficou conhecido naquele período por “tagarelas”. É importante destacar que naquela década, as composições de rap não tinham conteúdo crítico e de protesto como os raps de hoje, as canções em sua maioria eram estorinhas e serviam mais para embalar as apresentações de *break* nas ruas e nos bailes do país.

“A época em que saíram os primeiros discos de rap nacional coincidiu com um momento de amadurecimento do movimento *hip hop* no Brasil. A necessidade de organizar-se, unir-se, surgiu inicialmente da marginalização dos *b.boys*” (PIMENTEL, 1997, p. 18). Em 1989 foi criado o Movimento Hip Hop Organizado conhecido como MH2O, este movimento teve a iniciativa do produtor musical Milton Salles, cujo objetivo era organizar e dividir o movimento no país, definindo posses⁶, gangues e seus respectivos papéis, o de certa forma contribuiu para uma revolução cultural.

Por meio do grafite, *break* e rap incluindo a figura do MC e DJ, o movimento *hip hop* conquistava cada vez mais a periferia, o tempo e as experiências vividas pelas pessoas que se identificavam com algum dos elementos do movimento, foi importante para a evolução do mesmo. Para FOCHI, “É a conscientização, o conhecimento, tido como alvo pelos precursores do *hip hop* no Brasil, ensinada pelas ONGs e posses aos

⁶ As posses ou *crews*, tinham como objetivo divulgar e expandir a cultura *hip hop*, seja por meio de eventos e gravações de LPs e CDs ou realizações de atividades políticas ou comunitárias.



jovens da periferia, um dos principais fatores que consolida, fortalece e perpetua esta cultura” (FOCHI, 2007, p. 4).

Este movimento tão contagiante foi incorporado pelos jovens da periferia de todo o Brasil e ligeiramente adaptados às suas realidades. Assim, para exemplificar como o *hip hop* se consolidou e marcou presença nas periferias brasileiras, foi escolhido um produto audiovisual produzido em 2008 por jovens da periferia de Belo Horizonte, como resultado da Oficina audiovisual, oferecida pela Organização Não Governamental *Favela é Isso Aí*

Frutos do *hip hop*

A Organização Não Governamental (ONG) *Favela é Isso Aí* é uma associação resultante do Guia Cultural de Vilas e favelas⁷ e inicialmente idealizada pela antropóloga Clarice Libânio “com o objetivo de proporcionar a construção da cidadania a partir do apoio e divulgação das ações de arte e cultura da periferia”⁸, contando com a participação e realização de diversas atividades de jovens que residem nessas comunidades carentes.

O documentário de sete minutos intitulado “Rap” produzido por jovens da periferia mostra através do olhar dos alunos, um pouco das situações e problemas enfrentados pelos artistas desse segmento musical. O vídeo inicia mostrando o espaço físico, o aglomerado Morro das pedras, um bairro localizado na região oeste na cidade de Belo Horizonte, no estado de Minas gerais, que foi considerado até 2002 como uma das regiões mais violentas de Belo Horizonte, mas nos últimos anos essa realidade foi se transformando e o Morro das pedras pode ser vista agora, como um palco de diversas manifestações artísticas entre elas do estilo *hip hop*.

O vídeo mostra inserções de imagens do bairro e apresentações de rap nas ruas para ambientar. O Morro das Pedras um espaço que reúne cerca de vinte e cinco mil habitantes, apesar de envolver uma pluralidade e diversidade cultural, os moradores ainda são colocados à margem da sociedade, isso porque o senso comum, geralmente associa os moradores dessas comunidades a uma representação de marginal. Nesse sentido é necessário perceber que:

⁷ O Guia Cultural de Vilas e Favelas é resultado de uma pesquisa de campo realizada entre 2002 e 2004 que identificou e cadastrou 740 grupos culturais entre as mais de 500 mil pessoas que habitam a periferia de Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.favelaeissoai.com.br/guiacultural.php>. Acesso em 19 de abril de 2010.

⁸ Estas informações estão disponíveis no site da ONG. Cf. Parte do texto *Favela é isso aí*. Disponível em: <http://www.favelaeissoai.com.br> Acesso em 3 de abril de 2010.



O espaço é também entendimento das pessoas que o vivenciam, é conhecimento que elabora e é elaborado por representações, são construções a partir dos fatos socioespaciais. Servem para interpretar, agir e tomar posição acerca do mundo (JODELET in GAMALHO, 1997, p. 14).

No documentário, o grupo de rap “Fúria Negra” é apresentado como parte da periferia que almeja através da arte, conseguir o seu lugar na sociedade, como é de direito de todo cidadão. Esse grupo composto por quatro integrantes procuram fazer um trabalho de divulgação da cultura *hip hop*, dentro e fora da comunidade.

A maior parte dos jovens que se reúnem sob o que chamam de “Cultura Hip-Hop” não se contenta em fazer música, grafite, poesia ou dança. Eles querem ser referências para o seu público, aparentemente não como ídolos, mas principalmente como exemplos de vida, de poder, força e ética (GEREMIAS, 2006, p. 12).

Esses jovens artistas do grupo “Fúria Negra”, expressam por meio de suas músicas o discurso de reivindicação das injustiças e discriminação, mas Foucault atenta primeiro dizendo que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2006, p. 10), ou seja, o discurso não é somente aquilo que manifesta ou esconde os desejos, mas também é aquilo que é objeto de desejo, há uma ligação forte do discurso com o desejo e o poder. Deste modo, a consciência crítica estimulada através das canções passa então de desejo a objetivo, se tornando um protesto real.

Nas últimas décadas vimos como as questões relacionadas à periferia vem sendo mostrada, dentre outras, pelas manifestações do movimento *hip hop* e principalmente pelas músicas dos jovens que expõem suas realidades e reivindicam mudanças. São letras de música (comumente marcadas pelo falar urbano) que protestam contra suas atuais condições de vida, que não aceitam a violência e a criminalidade e buscam através de suas músicas passarem essa realidade para que a sociedade conheça e se posicione contra, numa luta onde não vale somente a manifestação dos “periféricos”, mas também o apoio do centro para melhorias:

A música cantada pelos *b. boys* está relacionada cada vez mais intensamente às “culturas das favelas”: constitui-se em uma produção cultural capaz não só de espelhar uma realidade “dura” dessas localidades, mas que, também, de alguma forma, exprime a reivindicação da ampliação da cidadania ao segmento social que habita essas áreas urbanas e que durante muito tempo foi relegado a um segundo plano: um universo escondido ou ignorado por meio de



uma segregação compulsória na dinâmica urbana. (BORELLI e FREIRE FILHO, 2008, p. 199).

No documentário outro componente essencial para o movimento *hip hop* é representado pela figura do MC, no vídeo um jovem MC conhecido como PDR, relata sobre um duelo de MC's que são feitos freqüentemente debaixo do viaduto Santa Tereza em Belo Horizonte e que nesse momento a comunidade se reúne para prestigiar esses artistas da periferia. Uma das coisas mais interessantes que se pode observar, é que o viaduto deixa de ser nessa ocasião, um lugar de mendicância para se tornar um espaço de visibilidade dessa cultura. “[...] o *hip hop* caracterizado enquanto manifestação juvenil oferece uma possibilidade de visibilidade e voz às mazelas sociais, se constituindo em forma de resistência e denunciando a exclusão étnica e social” (MACEDO, 2008, p. 1).

Quando dizemos que a juventude está buscando cada vez mais um meio alternativo de expressar suas opiniões, e dessa forma participar mais dos processos da sociedade, estamos nos referindo ao conceito de empoderamento, que pode ser pensado como sendo o mecanismo pelo qual as pessoas, as organizações, as comunidades se apropriam de seus assuntos, de sua própria vida, de seu destino, tomando consciência da sua habilidade e competência para produzir, criar e gerir. Este conceito, surgido nos anos 70 através dos movimentos de direitos civis nos Estados Unidos e inicialmente por meio da bandeira do poder negro, como uma forma de auto-valorização da raça e conquista de uma cidadania plena (COSTA, s/d, p. 7), foi aos poucos estabelecendo parâmetros como a construção de uma autoimagem e confiança positiva; desenvolvimento da habilidade para pensar criticamente; construção da coesão de grupo; promoção da tomada de decisões e ação.

Nesse sentido, o *rapper* age como sujeito denunciador de sua própria realidade, transformando suas situações em poesias ritmadas, buscado dessa maneira, uma forma de reivindicar seus direitos, de criticar, de denunciar as reais condições da favela. O *hip hop* através de suas batidas, ritmos, dança e artes nos muros, tem atraído gradativamente a atenção dos centros urbanos, seja transmitindo diretamente um discurso coerente ou contendo uma mensagem implícita em suas manifestações. Enfim, todo esse estilo singular notadamente se firma, como um movimento que nasce da periferia para a periferia e que está rompendo cada vez mais as barreiras imposta pelo “asfalto”, conquistando adeptos de várias camadas da sociedade.



Entretanto, é importante ressaltar, que o *hip hop* não se constitui como uma solução para os problemas das favelas brasileiras, mas uma possibilidade, de ver, ler, narrar e, sobretudo de participar do mundo que os cerca, fazendo deste o seu saber (MACEDO, 2008). Esse movimento artístico não é uma alternativa apenas para quem produz, mas também para seus seguidores, algumas pessoas encontram no estilo *hip hop* uma forma de escapar da criminalidade que os cercam na periferia.

No documentário, essa questão de conquistar o espaço é abordado pelos próprios artistas, e como Borelli e Freire Filho afirmam:

[...] a cultura *hip hop* tem conseguido – através de suas práticas e representações – não só produzir um contradiscurso, mas também, de certa maneira, traçar novas fronteiras socioculturais (e espaciais) que oscilam entre a exclusão e a integração (BORELLI e FREIRE FILHO, 2008, p. 207).

Para esses jovens que buscam a inclusão social, o movimento *hip hop* aparece como uma alternativa, isso ocorre porque as manifestações proporcionam a seus seguidores e praticantes a autoafirmação, o reconhecimento e sensação de liberdade, seja o grafiteiro, o dançarino, o *rapper*, o MC ou o DJ no momento em que mostram suas habilidades em desenho, movimentos corporais, música, rima ou colagens de sons, estão afirmando que fazem parte da sociedade.

Um dos motivos que os jovens produtores têm para através do seu trabalho alcançar o reconhecimento, é tentar mudar a imagem negativa que a maioria das pessoas que não conhecem os ideais do movimento *hip hop*, tem com esse segmento. Eles querem quebrar o estereótipo de marginalidade que cercam principalmente os *rappers* e os grafiteiros, muitas pessoas mantêm essa imagem preconceituosa com o rap e com tudo o que vem da periferia. Um dos integrantes do grupo Fúria Negra no documentário alerta para esse ponto, eles falam que com suas músicas e batidas vão mostrar para a sociedade, que o Morro das Pedras tem muitas coisas boas, artistas que merecem respeito, eles buscam quebrar o preconceito e mostrar para essas pessoas que elas estavam erradas.

Considerações finais

Este documentário vem mostrar que não há divisão entre aqueles que reproduzem a realidade em forma de arte e aqueles que apreciam essa arte e conseguem enxergar a mensagem tal como foi pensada. Logo, tanto quem produz como que assiste,



acabam compartilhando a mesma consciência crítica. Alguns jovens da periferia perceberam a importância do movimento *hip hop* e resolveram contribuir com essa produção audiovisual, através de suas percepções eles procuraram mostrar com uma linguagem simples e interessante, os ideais culturais e o que enfrentam os artistas que optam por esse movimento.

Além de estratégia para atrair os jovens e conter disputas e violência entre as gangues, a música, dança e arte do *hip hop*, funcionam como elementos de promoção da cultura. Para fazer as letras, inventar novos passos de dança e expressões artísticas, é preciso conhecer a realidade, conhecer história, estar engajado. Dessa forma, promove-se a conscientização e a inserção social dos indivíduos - ou pelo menos, inserção e conscientização quanto à dura realidade que se encontram (FOCHI, 2007, p. 2).

Os jovens a partir desse movimento que nasceu nos guetos de Nova Iorque e veio para o Brasil inicialmente como moda, mostrou-se no decorrer do tempo como uma forma de estimular a conscientização coletiva para questões sociais de extrema importância como violência, discriminação, injustiças, reconhecimento, entre outros.

O *hip hop* ampliou o seu sentido como cultura. O grafite abandonou a forma rígida de demarcar territórios e adquiriu conceito de arte, assim como a gangues trocaram a violência por competições de danças e o rap deixou somente de ser um meio para animar grupos de dança e passou a carregar uma função fundamental no movimento, a de transmitir os ideais através de mensagens, recebendo contribuições essenciais do MC e DJ. Dessa maneira a cultura *hip hop* que emergiu dos guetos para o mundo, mostrou que através da arte é possível mudar algumas realidades.

Referências

GAMALHO, Nola Parícia. **A produção da periferia:** das representações do espaço ao espaço de representação no bairro Restinga – Porto Alegre/RS. 2009. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16658/000704164.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 31/03/2010.

COSTA, Ana Alice. **Gênero, Poder e Empoderamento das mulheres.** s/d. Disponível em <http://www.agende.org.br/docs/File/dados_pesquisas/feminismo/Empoderamento%20-%20Ana%20Alice.pdf>. Acesso em 31 Mac. 2010.



GEREMIAS, Luiz. **A Fúria Negra Ressuscita: as raízes subjetivas do hip-hop brasileiro**. 2006. Disponível em < <http://www.bocc.uff.br/pag/geremias-luiz-furia-negra-ressuscita.pdf> >. Acesso em 31 Mar. 2010.

MACEDO, Iolanda. **Cultura hip hop como possibilidade de voz e resistência para as periferias brasileiras**. 2008. Disponível em: < <http://cj.uenp.edu.br/ch/anpuh/textos/070.pdf> >. Acesso em: 02/11/2009.

TOCHA, Daniel. **A história da cultura hip hop**. 2006. Disponível em < <http://www.overmundo.com.br/overblog/historia-da-cultura-hip-hop> >. Acesso em: 28 Abr. 2010.

DCOOK, DaveDavey. **O que é Hip Hop?**. 1985. Disponível em < <http://translate.google.com.br/translate?hl=ptBR&sl=en&u=http://www.daveyd.com/&ei=w5TYS5LZKISouAfavojiBw&sa=X&oi=translate&ct=result&resnum=1&ved=0CAgQ7gEwAA&prev=/search%3Fq%3Ddavey%2Bhip%2Bhop%26hl%3Dpt-BR> >. Acesso em: 28 Abr. 2010.

FOCHI, Marcos Alexandre B. **Hip hop brasileiro Tribo urbana ou movimento social?**. 2007. Disponível em < http://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/facom_17/fochi.pdf >. Acesso em 01 Mai. 2010.

RIBEIRO, Christian Carlos R. **Novas formas de vivências nas Polis brasileiras? A ação transformadora da realidade urbana brasileira pelo movimento hip hop**. 2006. Disponível em < http://www.usp.br/fau/eventos/paisagemeparticipacao/movimentossociais/A02_hiphop.pdf >. Acesso em 01 Mai. 2010.

COSTA, S. **O papel da dança na (Sub)Cultura Hip Hop**. 2008. Disponível em < <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14546/2/O%20papel%20da%20dan%C3%A7a%20na%20subcultura%20hip%20hop.pdf> >. Acesso em 01 Mai. 2010.

PIMENTEL, Spensy. **O livro vermelho do hip hop**. São Paulo, 1997. Disponível em: <www.realhiphop.com.br/olivrovermelho/spensy_pimentel.htm> Acesso 01 Mai. 2010.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no college de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 14.ed. São Paulo: Loyola, 2006.

BORELLI, Silvia H. S.; FREIRE FILHO, João. (orgs.). **Culturas Juvenis no Século XXI**. São Paulo: Educ. 2008.

Favela é isso aí. Belo Horizonte. ONG. Disponível em: <<http://www.favelaeissoai.com.br>>. Acesso em: 27 de Mar. 2010.



2010

Direção Coletiva. **Rap.** Belo Horizonte. 2008. Disponível em:
<<http://www.favelaeissoai.com.br/videosp.php?cod=80>>. Acesso em: 28 de Abr. 2010.